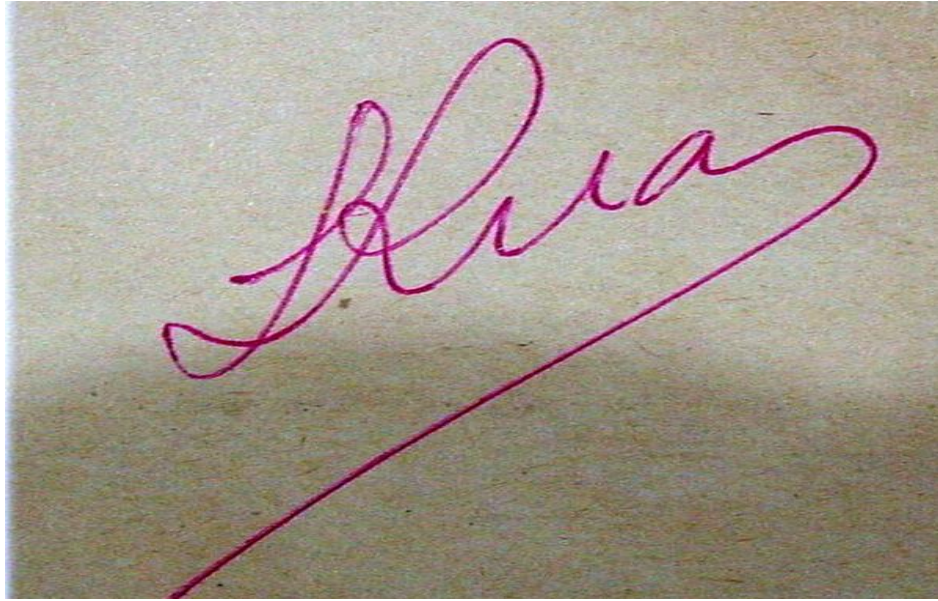


L. RUAS

POESIA
REUNIDA

Organizador:
Roberto Mendonça



A handwritten signature in red ink on a textured, light-colored surface. The signature is highly stylized and cursive, appearing to read "Kura". A long, thin red line extends from the bottom of the signature across the width of the image.

Sumário

1. Aparição do clown
2. Poemeu
3. PEQUENA ANTOLOGIA MADRUGADA
4. OUTRAS FONTES

APARIÇÃO DO CLOWN

Nota do organizador:

Aparição do clown foi impresso e tido como lançado em 1958. Seu lançamento, entretanto, ocorreu no dia 31 de janeiro de 1959, consoante o registro de *O Jornal*, Manaus, mesma data. Veja ainda a entrevista de L. Ruas ao mesmo jornal em 10 de fevereiro de 1959.

INTERPRETAÇÃO DO CLOWN

O milagre do destino das palavras está no mistério de seu sentido expressivo. E no aparente obscuro dessa mística da expressão, estão a claridade dos símbolos criados e a beleza da matéria expressiva que o pensamento cria. E tudo é símbolo na vida. Quanto maior for a intimidade das forças em conflito, no homem e na humanidade, mais profundo será o mistério de cada um de nós, mais trágico será o drama da humanidade e, portanto, mais simbólica e mais mística será sua representação.

O drama espiritual de cada um de nós, com suas sombras, com suas luzes, traz a marca da queda do homem, como realidade positiva de nossa miséria, de nossa vanidade. Os conflitos, as lutas, os desesperos humanos, a ânsia pela existência, todas as forças angélicas ou demoníacas, têm intimidade nos mistérios dos nossos destinos. A poesia, o poético, a razão, o sentimento artístico, a filosofia, a religião têm sempre um todo de revolucionário, porque saem das profundezas do ser, trazem a nostalgia do espiritual, o mistério das coisas, o sentimento do universo de Klopstock, de Herder, de Novalis, de Schubert, de Schelling, de Kant, de Fichte.

O drama de cada alma, no presente, reside na nostalgia do infinito, naquele fogo e naquele devorar eterno do Prometeu agrilhado na escharpa da Montanha, que é a carne que escraviza o espírito.

O homem é rico de beleza e de bondade, mas é capaz de fazer o mal e se tornar um monstro. É brancura e beleza de lírio, mas tem as raízes mergulhadas na lama e na negrura da terra.

É possível até que cada homem, que todos os homens possam cantar uma aventura poética com as suas grandezas e sua miséria; realizar aquelas coisas que fazem de cada um de nós, rei ou vassalo, sábio ou ignorante. Entretanto, quando o homem é bom ou grande, ele canta, ele poetisa.

Quando os tempos estavam plenos, a Mulher cantou o *Magnificat*: o velho Simeão exultou na exuberância mística de sua senectude milagrosa. É nessas duas expressões mais altas da alegria humana que se levantam para o infinito, – como o pássaro que distende as asas para o azul dos céus, – em dor, em sofrimento, entre lágrimas, que o homem canta.

Os poetas são, em geral, a soma de três relações abstratas: a estética, a mística e a simbólica. Um Baudelaire, um Ruysbroeck, um Swedenborg, um São João da Cruz são somas de si mesmos, nessas três funções abstratas da existência humana, existência cheia de misérias, de incompreensões, de angústias e desilusões. A estética, a mística e a simbólica são forças axiomáticas desse mundo irracional e anti-poético que é o extraordinário, o sublime, o radioso mundo dos artistas, dos místicos e dos poetas.

A *Aparição do clown* do padre Luiz Ruas é um poema místico, filosófico, cujos símbolos se multiplicam em cada verso, em cada trecho do poema admirável, rico em idéias e em palavras.

O sempiterno clown aparece ao luar, num céu e chão azuis. Uma boneca. Riso e pranto, porque "o destino dos palhaços é fundir à luz da lua, o alegre riso e o triste pranto." O palhaço é aqui um mistério na poética do padre Luiz Ruas, quando Ruas interroga: onde está tua face palhaço? no riso, no pranto, na dor. A luz da ribalta, a música, os guizos, o trapézio são faces da velha máscara. O que o padre Luiz Ruas procura é a face verdadeira, a que não se parte, desse palhaço eterno que é o homem em si, artista, poeta, músico ou dançarino.

O poema é um alto símbolo do poético. E como o poético é sempre humano e meio divino, a gente sente que o palhaço, – encarnando a humanidade, – canta, beija, tem silêncios, chora e baila. Quer palmas e tem pedras. Quer sedas e tem farrapos. Esmola e dá banquetes platônicos ou plotinianos. Recebe flores e rosas e ama a indiferença e a vaia. Pede vinho e tem sangue. Tem a água cristalina dos rios da compreensão, e se retrata na lama das sarjetas.

Mas como há sempre em todas as vidas uma estrela no céu de um de nós, uma luz interior brilha no profundo de todos os homens, que é a luz do poético estereotipada no clown do poema, clown que é homem e humanidade, cheia de guizos e chocalhos, de beleza angelical e monstruosidade de sapo; de água e lama; de picadeiro e de palco ou estrada da vida; de verticalidade impecável e gargalhada e cabriola e trejeito e galhofa e pranto, – tristes aspectos de toas as vidas que surgem nas luzes das grandes ilusões ou que morrem na dura verdade de todas as contingências.

Nisso tudo se vê e se sente uma grande filosofia, uma mensagem que o poema traz aos homens e à humanidade. Essa mensagem poderia ser trazida em forma de um Evangelho, ou de um grande poema homérico, ou de um sistema filosófico profundamente místico e metafísico, ou de uma tragédia shakespeareana, ou de um drama goetheano ou de uma comédia molièreana, ou de uma sinfonia beethoveneana, mas o seu autor, modestamente, "descobre o clown", dá um "aviso", conta o "romance", relata o "martírio" e *desfaz* tudo no mistério de um "canto", numa "viagem de estrela": num "apóstrofe".

E depois, como tudo que é místico, lendário, cheio de beleza infantil das histórias de crianças, das lendas antigas, dos que escrevem maravilhosamente coisas inocentes, leves e profundas, dedicadas e ingênuas, – surge no poema a história de "dragão e a flor", a "promessa", o "nascimento do baile", o "retorno", e finalmente a "herança" que é a angústia, o conflito daquilo que ele chama o "destino das Raízes", algo de nossas misérias, de nossas contingências humanas de pobres e tristes clowns, que trazem para a vida (de certo) uma mensagem dolorosa, que não vale a gargalhada de um palhaço ou de um brinquedo abandonado de criança, nesse velho e imenso palco, – "parque ou tempo sem memória".

O poema do padre Luiz Ruas tem idéia. É criação pura, jogando com poesia pura, dentro do mais puro conceito de poética. E é no ideal dessa pura poética, que ele criou o mundo e o universo de seus símbolos admiráveis.

* * *

Um pássaro ferido, vagueando na madrugada; a essência intocada da estrela de cinco pontas, – são a esquematização da ânsia de liberdade divina, porque o "pássaro é essencialmente livre" e a estrela, no infinito, é o símbolo da intocabilidade divina, do amor, da liberdade, da música, da harmonia, da paz.

Mas a estrela do poema é raptada pelo pássaro. Essa parte do poema é de transcendente espectação. Porque além do pássaro surge um PEIXE que tenta comer a estrela. Não serão o pássaro a ânsia do homem para o infinito e a estrela o próprio infinito e o peixe o grande IDEAL CRISTÃO, no qual encontramos a essência do próprio infinito que é o seio de Deus?

Não haverá por aqui influência da mística de São Agostinho e de São João da Cruz?

Mas o pássaro comeu a estrela e a estrela o pássaro gerou. Não será isso uma afirmação catequética de que o homem foi feito à imagem e semelhança de Deus e que o próprio homem concebeu a idéia de Deus? Lá estão, no poema, a serpente, a maçã, a figueira e o lírio. Todos esses símbolos são altas expressões da grande vida mística do cristianismo.

A parte do poema que trata do martírio do Prometeu no deserto e na montanha, é um convite ao banquete, qualquer que seja a interpretação que se faça do poema, –porque às vezes os olhos não vêem e os ouvidos não ouvem. As asas sangram, os trigais estão maduros e é preciso acender a lanterna interior, até que o pássaro volte das buscas audaciosas, das prescruações científicas ou de filosofias audaciosas.

E a estrela silenciosa canta a canção até que o filho pródigo volte.

Mas, no cais as embarcações estavam todas amarradas, e a estrela, *que é o poético no homem*, desamarrou as barcaças e passou para o outro lado de si mesma, do ideal, do poético, da vida própria. E viu Caronte, Orfeu, Eurídice, mares ignotos, e essa coisa tremenda que são “as almas insepultas” num mundo como o nosso, isto é, almas ricas de sua liberdade de querer SER, de querer realizar-se.

O pássaro, a estrela, as rosas, a criança que canta, o “apostrofe”, o dragão, a flor, o mar, os velhos temas do humano eterno, no vibrar eterno da poética universal, cantam em todas as musicas e no coro de todos os palhaços:

*Vigiai, vigiai!
Preparai a veste
Acendei o círio
Ressuscitai as rosas
E aguardai no amor
Que o pássaro virá.*

Se o pássaro não vier, será a noite sem estrelas

*Mas... escuta... que vozes são estas?
De onde vêm, para onde vão?
Olha! as flores ressuscitam!
Olha! as estrelas se acendem!
Recomeçou o baile. olha o mar!
Olha o mar! olha a estrela de basalto e ouro
Olha! não vê, ó triste cego!
Olha o deserto refluindo e as amendoeiras
Do Japão e as borboletas.
Olha o exército pronto para a guerra!
Olha os coros dos Arcanjos e dos Serafins!*

*Olha a brisa dançando na folhagem!
 É na brisa que o pássaro virá!
 Virá com a língua de fogo
 E os cornos septiformes! Olha as luzes!
 Vê as cores, ouve os sons! tudo recomeça
 A vibrar e a dançar. É o tempo.
 Olha a estrela de ouro e de basalto.
 O pássaro virá...*

Que extraordinária simbologia da ânsia humana, da angústia humana. O homem procurando no subterrâneo de seu substrato os guizos de suas loucuras, as rosas de suas ilusões, o barro de seu corpo frágil e miserável.

É o "retorno" para nós mesmos. A volta para dentro de cada um de nós e, desse rumo interior, a grande partida na iniciação do reencontro com o Cristo Eterno.

A expiação, a transformação, o "maestoso" dessa orquestra infinita que pode ser o *ilógico*, o *hiperlógico*, o *paralógico* dessa loucura que é aceitar o Cristo, neste mundo tremendamente anticristão.

Aí é que todos somos clowns, sombras, loucos que o mundo não tolera, deixando partir de dentro de cada um de nós, os pássaros cansados da razão, em busca das estrelas, dos sonhos que se apagaram e que não se acenderão nunca mais, sem que sejamos novos João da Cruz, em quem o poético se realizou como o ser se realiza no próprio Ser.

Tenho para mim que esse poema canta a excelsa angústia humana, representada na figura exótica do *clown*, que sendo homem é ser exótico e *sui generis*. É por isso que sentimos, em todo esse poema, os mistérios das asas, o profundo das quilhas, o ignoto das velas, o triste ridículo do palhaço, a incerteza da volta no vôo ao infinito, a estrutura geométrica da dança a loucura de Nijinski, a vibratilidade da seta disparada em busca de um ideal humano, em todos os homens. Os gritos, os ruídos, os ruflares, os gestos, as imprecações, as ânsias, as lágrimas, os soluços, as maldições, as orações, as luzes, as cores, os pássaros, as rosas, – tudo grita essa ânsia, essa angústia humana de que está impregnado o poema do padre Luiz Ruas.

E por ser algo de notável esse poema, – seu autor foge de si mesmo, perde sua personalidade, para falar de um mistério universal, de tudo aquilo que está no homem, dentro de certos aspectos metafísicos da existência humana.

Falando desse mundo que é o poético, no universo, o padre Luiz Ruas publica algo de profundo, de excelso, de magnífico. Que o entendam os que mergulharem no profundo de sua dialética; que tenham ouvidos aqueles para quem o poema é dirigido; que vejam os olhos d' alma daqueles que devem ver os símbolos e os mistérios que estão contidos nos versos áureos do imortal poeta de *APARIÇÃO DO CLOWN*.

Manaus, 16-8-958

André Araújo

da Academia Amazonense de Letras

desejo que este poema seja

um ato de adoração ao Cristo quando Herodes o chamar de louco

um gesto de amor a minha mãe, meu pai e às mães de todos os poetas

um laço de amizade mais forte entre mim, o Pedro, o Orígenes e a Luiza

um agradecimento sincero e fraterno ao Óscar e ao Clube da Madrugada.

L. Ruas

descoberta

foi no tempo do luar pois não existe sol
no velho parque – tempo não maduro –
que encontrei o sempiterno clown.
queria ver-lhe a face. e sua face
era imenso lago azul parado
onde a lua se repetia. lua.
queria ver seu corpo – um chafariz
era seu corpo de barro modelado
aljofrando de estrelas e de pérolas
o céu e o chão banhados em azul.
apenas vi o velho clown beijando
uma boneca. e beijando-a chorava.
e ria ao mesmo tempo que
o destino dos palhaços é fundir
à luz da lua o alegre riso e o triste pranto.

e vendo ser inútil o meu esforço
de descobrir integralmente o clown
eu suplicante lhe falei assim

discurso

faz mistério palhaço
e ri teu riso esbandalhado.
gargalha palhaço e faz sofrer
os que contigo riem e sofrem
e vivem.
canta a tua ideologia tirânica
ó clown sentenciado
para fazer chorar os que riem.
ninguém entende tua vida mascarado
que se esconde atrás da cortina
das pinturas e das vestes.
onde está tua face palhaço onde?
além do além do horizonte
nas nuvens ou atrás da máscara?
onde está teu riso palhaço onde?
no pranto que improvisas
ou na dor que não gargalhas?
palhaço.
interrogação verde no cenário de carmim.
palhaço. olha o palhaço.
havia inocência e terror pureza e crime
em teus olhos abertos para o mundo.
luzes.
as luzes da ribalta não revelam
o que não dizem também
nem as cores nem os saltos nem as cambalhotas

que fazes no trapézio longínquo.
palhaço. quem já viu tua face
tua única face?
aquela que não é partida
aquela que não é pintada?
quem já beijou tua boca verdadeira?
as bailarinas beijam a boca mentirosa
a que canta a que ri a que chora
mas ninguém beijará o teu silêncio.
e tuas mãos palhaço e tuas mãos rosa
tuas mãos disfarce que nos enganam e alegam.
a bailarina lhe disse chorando – eu te amo.
ele riu. palmas. a cortina cerrou-se.
e se vestiu de nobre e deu esmola
para encobrir com seda e ouro o adultério.
palhaço. ri teu riso e oferece-nos teu almoço.
dá-nos o ridículo banquete onde comemos
rosas e suspiros e sorrisos.
e deixa-nos sonhar depois e depois chorar
tudo aquilo que não nos revelaste
a flor ainda em botão
não desabrochada não vituperada.
ninguém te vaia palhaço
todos riem somente da face mentirosa
da escandalosa face que nos ofereces
dizendo que é vinho.

todos beberiam porém teu sangue
seiva das árvores água dos rios lama das sarjetas
e comeriam tua carne que não ofereces.
carne de elefante néctar de bonina alma de passarinho.
a estrela pousou – sombra de sonho – em seu ombro
– venho do céu. vi o mundo nascer. sou como tu
eterna.

sou a mais antiga das estrelas de todas as estrelas.
dou-te todo o meu brilho se disseres
porque ris tanto se és tão triste assim.

– ora. vamos dançar.

e saiu para o palco dançando e cantando.
ninguém viu a lágrima que lhe molhou os olhos
ocultos.

palhaço.
flor-de-lis onde bimbam chocalhos.
inocência e maldade água e sangue
azul e preto
lama e sapo.
ri palhaço que ansiamos por te ver no picadeiro
árvore estranha esquisita flor
não sabemos de que país ou de que planeta.
de onde vens palhaço? quê nos queres dizer?
fala que te espiamos cientista da vida.
tu gargalhas no palco o que choramos na vida.
embora te odiemos te amamos
pois te pareces com o menino que somos
e com o inferno que não deixamos de ser.
poeta de risos e de cabriolas
diametralmente opostas
teus trejeitos são a mais perfeita rima
que já encontrei para os poemas
que não escreverei.
somos crianças palhaço diante de ti
sou criança que não aprendi ainda
o que é o belo e o feio
o pranto e a galhofa.
o que é ser e o que é não ser.

pois tu és homem palhaço tu és homem.
clown desengraçado

bicho fantasiado de deus
em quem não assentam
nem
rabo de macaco
nem
auréola de arcanjo.
tu és verdadeiramente homem
pois tu somente revelas o segredo
honra e vergonha
que todos ocultamos.
palhaços dos anjos e dos homens
mito de farsa e de verdade
palco e vida
gargalhada e pranto
seres partidos
dois olhos
duas pernas
duas mãos
paralíticos
cegos e loucos.
apagaram-se as luzes?
ou as rosas morreram?

resposta

apenas vemos sombras
sem conhecermos a luz.
percebemos a chaga
não tocamos a alma.
brasa em negro fogo consumida
semente bipartida.
julgas possuir toda ciência
se sabes rir apenas
quando é preciso rir
é mister no entanto descobrir
que também no muito riso há pranto.
a máscara sustem dois olhos
um é cego porém. de fato
só um olho vê. por isso
conheces silhuetas
e não a dimensão total
aquela dimensão que
por ser transdimensional
entre todas
é mais constante e mais real.
a caverna de platão.
que sabes das rosas renascidas?
Das estrelas em luz desfalecidas?
da liberdade e do amor?
ser livre em essência é ser cativo.

aviso

quando vires o pássaro ferido
vagando antes que surja a madrugada
não o tanjas nem o chames
deixa-o voar. não te apiades
deixa o pássaro voar.
ele comeu a estrela
e conserva no desenho do seu vôo
as dimensões incontidas
dos humildes gestos perdidos para sempre.
não chames o pássaro ferido.
não te ouvirá pois não sabes os seus nomes.
e ninguém há de estancar o vôo
que jorra eternamente
de suas vísceras fecundadas
pela essência intocada da estrela
sua prisioneira e amor.
uma estrela de fogo e de basalto.
de basalto e fogo, não esqueças.
e o pássaro mais ferido pela luz
do que pelas cinco pontas da estrela
sempre voará.
deixa o pássaro voar. quando ouvires
o tatarar – apenas ritmo – cansado
mas não vencido
de suas penas molhadas de arrebol
deixa o pássaro voar. não tentes

prendê-lo. a ilusão é mais mortífera
do que a desesperança.
o pássaro é essencialmente livre
muito embora suas penas estejam prenhes
de luz e sangue misturados.
se vires por acaso o pássaro voando
não o chames para o teu silêncio
pois o pássaro é muito bom – é bom demais –
para que tu sombra e demência
o possas possuir.
nem te deixes seduzir pelo seu canto
que o canto das sereias de ulisses
diante do cantar do pássaro ferido
é apenas ritmo – apenas esboçado.
mas não odeies o pássaro
ama-o de longe. pois é forte
apenas um amor de morte.
puccini ouviu o pássaro cantar.
e eu também eu palhaço o ouvi.
ouvi sua lenda e seu martírio
a tortura da estrela e saí
no ontem no hoje e no amanhã
a procurá-lo.
fruto do bem e do mal.

romance

a estrela de fogo e de basalto tem cinco
chifres e se parece com a rosa.
de sangue.
aberta ferida gotejante
no peito espalmado e branco deste pássaro em vôo.
de ouro e de basalto.
de basalto da etiópia e de neve da antártida.
quando o pássaro raptou a estrela
ela estava sendo devorada por um peixe.
que adianta mais? ser comida por um peixe
ou amada por um pássaro. ser ou não ser comido.
esta é a questão. hamlet tinha razão.
para além para muito além de todo sonho
o pássaro levou a estrela devorada
e mais alto do que as águias o pássaro voou.
mas quando o pássaro quis partir
para a aventura sem rota
por mares nunca antes navegados
por espaços nunca antes habitados
para plantar no barro e na luz
um reino instável e efêmero
onde imperaram
o gênio, a arte, a poesia e a flor
foi então que nasceu o mais profundo humor –
– o pássaro devorou a estrela
e a estrela o pássaro gerou. o palhaço dos homens.

martírio

a serpente a maçã a figueira e o lírio
todos cantaram pela voz do pássaro
nascido prometeu.
não prometeu acorrentado um dia
no deserto e na montanha.
prometeu não morre é apenas devorado.
continuamente devorado prometeu continuamente vivo.
comem-lhe o sexo e a alma
a carne e o sangue e prometeu não morre
prometeu acorrentado um dia
do amor na eterna penedia.
o amor nos prende e nos tortura. mas não mata.
o pássaro ferido tem sete bicos
sete línguas de fogo sete olhos sete chagas.
tem olhos e não vê. ouvidos e não ouve. está ferido.
suas asas sangrando sempre banham o mundo inteiro.
às vezes é de mansinho que eles chegam
os sete amores filhos do amor.
ágape feriu eros letalmente. terminou a comédia.
júpiter destronado. mas beethoven está cantando.
ou é o pássaro ferido?
os trigais estão maduros para a ceifa.
que importa a primavera?
mefistófeles zombou do doutor fausto
e o venceu. mistério e luz.
ouve o pranto da estrela solitária
que se desfaz em canto.

canção

se eu chorasse
estas sombras
e estes símbolos
morreriam

os diamantes quebrariam
as arestas
e os vulcões se extinguiriam

se eu chorasse
dormiria logo
e cedo sonharia
o lago dos cisnes

se eu chorasse
o cavalo branco
que cavalga morto
comeria as rosas

e a rosa de barro
murcharia no jarro
em ângulos obtusos

não digais ao mar
a dor das pedras frias
não digais à mariposa
a tortura da luz

o meu amado é
um pássaro ferido
não choro sua dor
nem curo seu amor

a maçã é muito branca
o peixe é muito branco
o lírio é muito branco
não é branco o amor

eu cantei uma canção
baixinho ao meu amado
– “não chores pequenino
não chores que eu te amo” –

eu andei por longas ruas
e por cidades perdidas
em busca do meu amor
procurava uma rosa
so encontrei dissabor

perguntei aos que passavam
onde andava meu amor

mas todos olhavam atentos
para as mãos de um senhor
que fazia jogos engraçados
e ninguém me respondeu
onde estava meu amor

eu andei por teus caminhos
em busca do meu amor
os palhaços tristemente
despetalavam uma flor.

viagem

foi então que cheguei ao cais
e as barcaças estavam todas
amarradas ancoradas.
caronte me disse amargamente
– “não voltarão mais nem dante nem virgílio.
nem será dado a orfeu
ir salvar eurídice
a passagem está vedada
e as barcaças ancoradas
não mais navegarão por mares ignotos” –
quando olhei para o mar vi na praia
os escombros da batalha.
pontas de lança arcos flechas
corpos destroçados almas insepultas.
uma criança brincava com as conchas
e com a caveira de um herói
– se não me engano era de aquiles –
seus olhos eram de fogo
e suas mãos de lírio.
a criança então me disse – “depois
que a serpente me feriu no calcanhar
nunca mais fui ao deserto nem
ao mar.
as águas não me sustentam mais
e somente caminho na praia
pois temo naufragar.

espero o pássaro ferido
e se quiseres esperar comigo
senta-te na praia e não vás ao mar.
o mar é muito vasto e fera enraivecida.
já engoliu noivos e pescadores

e seduziu o pássaro ferido.
não te lembras do mar de suas pompas
e de seus sedutores artifícios?
de seus cantos falazes e dos apelos sedutores
com os quais arrasta para o abismo
do seu próprio nada os navegantes
inexperientes e desprevenidos?
não procures no mar no buliço das vagas
a sombra do teu amor.
eu mandei prender as barcas
e aguardo o pássaro ferido.
canta uma canção ao teu amor.”
como cantarei cantos de amor
nesta solidão?
os cantos nascem apenas da união
do brilho da estrela com o ritmo do vôo.
como hei de cantar canções de amor
se ainda estou peregrinando
por essas praias de vidro?
a criança então cantou assim –

apóstrofe

em vão hás de voar pássaro triste
buscando o fruto verde não sepulto
nas praias naufragadas onde existe
a concha nacarada – peixe inculto

além de tuas patas espalmadas
o mar é brisa calma e mata bruta
as asas que se abrem limitadas
mergulham sem tocar na doce fruta

em curvas linhas retas canto e arte
te vejo entre o céu e o barro forte
comendo espaço e tempo sul e norte

buscando em vão o fruto que te farte.
quem sabe? pode ser que noutros mares
sacies teu desejo. é bom tentares.

o dragão e a flor

vi que a criança fabricava
uma espada que cortava suas mãos.
perguntei-lhe – por que fazes esta espada?
respondeu-me – é para matar o cordeiro
que será servido no banquete
do encontro da estrela com o pássaro.
o mar tranqüilo e frio como o desamor
a praia de vidro. caronte preso.
cupido sem flechas na aljava
a antiga simetria de vênus lamentava
que a beleza da estrela avantajava.
então compreendi porque a esperar
estava a criança tão sozinha
o regresso do pássaro ferido.
neste momento entre fumo e fogo de inferno
surgiu do mar profundo um dragão.
o mar como gigante enfurecido
uivava em contorções
espadanando seus peixes e todas suas pérolas
que vinham espatifar-se loucamente
na polida face da praia de cristal.
ó desencanto das palavras que não chegam.
uivava o mar qual leão acorrentado
sob o peso imponderável do amor
do dragão que perseguia a flor.
a flor tinha redolências de mulher

e era pura como um anjo.
 oh. as flores que aninhei em minhas mãos
 trêmulas como úteros maternos.
 oh. as flores perdidas para sempre
 nos longínquos perfumes ressequidos.

“– não mais verás o encanto fenecido
 do dia e da noite
 não mais terás ó lírio amortecido
 as brisas leves do teu vale.
 não mais.
 não mais que vênus está extinta
 e a estrela rediviva”.

assim cantou o dragão enraivecido
 então a criança correu para meus braços
 gritando – “não deixes o dragão me seduzir”.
 “– que posso fazer criança que não sou
 poderei salvar por acaso o eterno jogo
 se habitas a praia sem dimensões
 sem sol e sem luar?
 por que me buscas se possues espada
 e mãos de sonho e olhos de rubi?
 sou apenas sopro vento vaidade nada
 pó perfume cor sonoridade luz.
 que mistério é este que sugeres
 tentando penetrar nestas entranhas
 fecundadas pelo canto do pássaro ferido?
 então o mar partiu-se lado a lado
 como um véu por invisíveis mãos rasgado
 e engoliu o dragão.

prelúdio

quatro cavalos passaram galopando
em asas de águias sustentados
relinchando como se fossem trombetas sua voz
ou ribombar de trovões enlouquecidos.
olhei. estava só na praia. o mar quieto.
uma brisa dançava sobre as ondas
o prelúdio que chopin tocava soluçando.
depois vieram ninfas volitando
ao som de músicas ligeiras.
sumiram-se depois nas gotas do orvalho.
oh. a crosta espessa das palavras
que mal revelam o fulcro luminoso
da consistência do mistério vislumbrado.
quem está cantando perguntei são as rosas?
rosas?
quem está cantando é o coro dos palhaços.

coral

vigiai vigiai.
preparai a veste
acendei o círio
acendei a ribalta
ressuscitai as rosas
e aguardai no amor
que o pássaro virá.

nênia

mas se o pássaro não vier como será?
os trigais deixarão cair – inútil esmola –
os grãos de ouro no chão incandescido.
as flores murcharão – flores de pedra –
pontiagudas como espinhos secos.
as fontes coalharão suas águas
e teu sorriso morrerá qual fruto podre.
se o pássaro não vier
será a noite sem estrelas
e o sol não bordará mais de ouro e púrpura
as régias fímbrias do manto da aurora.
tuas mãos inutilmente chamarão os pirilampos
para os bailes feéricos no seio da floresta
se o pássaro não vier
a musica silenciará
na última corda partida
de paganini.
o basilisco e as víboras dominarão os caminhos
e ficará deserto e frio o último dos ninhos.
não mais
não mais terás o meu carinho
pois teu rosto de mármore será
estulto como estátua de museu.
se o pássaro não vier
inutilmente serás.

serás o quê? ser o quê se o pássaro não vem?
ser o quê se não há mais flor?
ser o quê se não há mais ninho?

ressurreição do baile

mas

escuta

que vozes serão essas?

de onde vêm? para onde vão?

olha.

as flores ressuscitam.

olha.

as estrelas se acendem.

olha o mar. olha a estrela de basalto e ouro

olha.

não vês ó triste cego o deserto re florido

e as amendoeiras do japão e as borboletas?

olha o exército pronto para a guerra.

olha os coros dos serafins e dos arcanjos.

olha os noivos enfeitados para as bodas.

olha a brisa dançando na folhagem.

é na brisa que o pássaro virá.

virá com as línguas de fogo

e os cornos septiformes. olha as luzes.

vê as cores. ouve os sons.

tudo recomeça a vibrar e a dançar.

é o tempo.

olha a estrela de ouro e de basalto.

o pássaro ferido está chegando.

retorno

ele voltou dançando o mesmo balé antigo.
“- quem és tu esquisito ser luxuriante?
e estes guizos pendentes de teus dedos
e estas chamas febris em teu olhar de ave?
quem és tu? perguntei – “e o fantasma
não me olhou sequer. subia e descia
em ritmo veloz e às vezes calmamente.
“- quem és tu? –” perguntei impaciente
que o medo o pavor o riso a loucura
já de mim se apossavam. e o demente
anjo respondeu-me indiferentemente
“- de onde venho não sei nem mesmo sei
se algum dia nasci ou se apenas sempre nasço.
quem sou? rosa anjo fagulha do inferno
semideus apenas gesto luz ou noite?
por que perguntas isso? por que queres saber
quem sou se eu mesmo não o sei? repara.
quando aqui chegaste a noite era nova
e já a estrela da manhã desfolha
uma a uma humildemente suas pétalas de luz.
não te direi quem sou. dorme e sonha.
acorda viaja estuda raciocina dorme.
não és homem por acaso não possues
uma centelha divina ardendo viva
dentro do teu mais misterioso mar?
não direi meu nome a homem algum porém
podes muito bem descobri-lo. sabes que a lua
é um satélite da terra. que o sol é uma estrela.
que tudo é relativo e três as dimensões do espaço.
que os corpos se compõem de átomos e moléculas.

conheces a inflexível lei da gravidade
que arrasta para o chão o barro do teu corpo.
descobriste no âmago das coisas íons e elétrons
o positivo e o negativo
forças que se atraem e se repelem.
conheces as rotas dos planetas e o caminho
das marítimas correntes dos ventos e das aves
e não sabes ainda balbuciar meu nome verdadeiro.
e eu não direi. espia bem esta paisagem.
lê de novo o poema. desce. vai ao fundo.
sobe depois. evola-te. transforma-te
depois em fumaça e em luz. não te afadigues.
o ritmo do meu nome é longo. majestoso.
quando souberes quantas rosas floriram
na paisagem perdida e de novo descobrires
o sonho inquieto e a aurora pranteada
alegra-te então. pois caminhas certo
rumo ao mistério inexprimível do meu nome.
agora olha bem para dentro de meus olhos.
que são eles? abismos carícias ou perdição?
fogo água tranqüilidade ou medo?
e meus pés? vês? são pés de fauno grego
ou de arcanjo bizantino? não sabes?
não sabes decifrar o indevassável enigma
dos meus pés sempre velados?
não sabes entender a linguagem dos meus olhos?
sou demente sim. sou ilógico. hiperlógico. paralógico.
sou problema e sombra. queres saber meu nome?
queres me amar talvez ou odiar talvez.
sou vida esperdiçada ou morte indesejável.
e meu corpo se corpo chamar se pode
a esta mistura de feno e melodia
é tão instável como a dança histórica das chamas.
sou ar fogo umidade terra e água.
os quatro elementos? ah. os infinitos elementos.

sou móvel motor força motriz mobilidade extrema
e ao mesmo tempo sou suprema paz e quietude.
olha a lagoa onde revoam pássaros cansados.
olha as canaranas frágeis baloiçando
e os aguapés dormindo brancamente.
olha as águas das lagoas diluídas
os cetáceos as serpes os palmípedes
e as ondas profundas que despertam
e uma a uma vão morrer nas margens.
e perguntas meu nome. sabê-lo não desejes.
à noite venho ver-te e te acalento
no sono solitário e tão estrangulado.
fabrico sonhos e ao meu rude comando
as estrelas despenham-se e os planetas giram
na luminosidade sempre nova das noites consteladas.
não percebes o uivar dos ventos nas mangueiras
e na bonina que se abre como o ventre
da primeira mãe ainda virgem que já foi?
e meu nome não sabes. fui presente
nas metamorfoses de virgílio e na comédia de dante
iluminei camões e lorde byron
shakespeare foi meu fâmulos. joão da cruz meu senhor.
ensinei davi a dedilhar a lira
o outro joão eu visitei em patmos
e o bateau ivre era meu. dei-o a rimbaud.
sou chama e alma rio e danço
no fogo rubro amarelo azul e verde.
quando olhares o fogo observa bem
que lá estou como também estou
na palidez da lua sempre fria
e dentro de ti mesmo a conduzir
tua mão quando escreves os poemas
e sentes a tortura de dizer belezas.
pareço mau às vezes quando prendo a pena
e estrangulo a luz justamente no momento

em que começa a palpitar dentro de ti.
mas se o faço é para despertar em ti
a sede onívota de conseguir o mais.
agora vê. me vou. deixo-te agora.
vou como vim. apaga a luz
fecha os olhos e me verás no sonho
o mesmo balé inicial dançando.

foi assim que partiu o tresloucado
pois como os amantes é hostil
à luz do sol. é sombra seu império.
não trevas. mas a luz azul
que não é dia não é noite.
é luar.

legado

asas somente isso. angústia
de fugir ao destino das raízes.
túrgidas velas singrando aberto espaço.
velas do destino de colombo
partindo em quilhas quase loucas para
o mistério das virgens descobertas.
asas de ícaro vencidas pelo sol
incauto icaro não sabias que
não é dado a palhaços ver o sol?
ah. o vôo de icaro presente
na dança de nijinski.
asas, somente isso. desespero
de ser barro e ao mesmo tempo seta.
asas apenas sugeridas
nas curvas nos voojos nas volutas
nos mantos e nas vestes do barroco.
asas de anjos de querubins de touros
assírios. asas custódias da arca da aliança.
asas nos calcanhares de mercúrio.
asas romanas. gregas. bizantinas asas.
asas egípcias. asas de papel crepon
dos anjinhos meninas das procissões.
asas até sim asas de avião.
asas do padre bartolomeu de gusmão.
asas em queda.
pois até para cair é mister possuí-las.
belzebu tem asas. sim. belzebu tem asas.
no céu e no inferno ruído de asas tatalando.

asas nos pés da bailarina tola do café noturno.
antigo sonho. desejo antigo. eterna tentação.
asas. panos soltos ao vento. gazes leves.
e os braços que se erguem as mãos que gesticulam
asas as torres ogivais as fadas e as bruxas.
asas sonoras sibilando esses
verdes azuis amarelas incolores
brilhantes e opacas grandes e pequenas
das borboletas das garças das abelhas
das plumas dos polens do orvalho
asas imponderáveis e asas de granito
dos arcanjos que guardam mausoléus.
asas. geometria rude esboço mal riscado
pelos bandos erradios de pássaros selvagens.
asas no chão. asas no céu.
asas ensaiando vôo. é somente isso
o rebento verdolengo ao romper
a espessa placenta da terra dura e seca.
asas de águia em vôos altaneiros.
asas quietas pousadas em silêncio.

doutrina

sou cativo do pássaro ferido
pois ouvindo sua lenda e seu martírio
por legado recebi este desejo
e da estrela tornei-me companheiro.
ó poeta não queiras pois é morte
e cativo conhecer a face do palhaço.
há milênios caminho sem cessar
sem ver o sol. apenas o luar
e a luz indecisa das estrelas
recriam esta máscara e fonte
do riso e da tristeza que oculta
o meu rosto e corpo verdadeiros.
e assim caminharei eternamente
peregrino sempre sempre marinheiro
carregando meu fado torturante
– semente feto messe em promessa –
de ser ave sem poder voar
de ser clown isto é ser e não ser.
mas tu poeta enquanto não puderes
te unir totalmente com o mistério
que te foge das mãos feitas de som
une-te intensamente
às formas aos sons e às cores simples.
modela sem cessar
a chama que te queima a alma e as mãos.
não deixes que se perca uma só
destas fagulhas.
pois uma delas pode ser a luz
que salvará tua face passageira
quando raiar o sempiterno dia.

despedida

e o velho clown partiu beijando ainda
o brinquedo que a criança abandonara
no velho palco parque ou tempo sem memória.

Poemeu

Primeiro Prêmio de Poesia
Governo do Estado do Amazonas
conferido em 1970.

Manaus - Edições Puxirum - 1985

POEMEU
ou
O (MEU) SENTIR DOS OUTROS

PÓRTICO

ESTUDOS BARROCOS EM TOM MENOR

O (MEU) SENTIR DOS OUTROS

SONETOS AUTOBIOGRÁFICOS

“le poème lui-même n'est ni cadeau
ni provision mais ascension de toi-même”.

Saint-Exupéry — *Citadelle*

1. PÓRTICO

DIDÁTICA

Palavra por palavra
compõe-se a arquitetura.
O canto é limpo timbre.
É rosa a rosa. Rosa.

Desnuda geometria
espaço libertado:
no campo indevassado
na página tranqüila

desenho desprovido
de inúteis arabescos
os pontos se projetam
em linhas e figuras

os semitons banidos
só restam sombra e luz.
Palavra é só palavra:
Indício fruto ou véu.

Por fim se ordenam símbolos
em lúdica harmonia.
Fundindo o lucicante
ou coisadedizer.

POEMEU

Este meu canto-mãe
Não o faço.
Ele me faz... fazer-me

Este meu canto-amor
Não o desejo.
Dele sou posse... escravo.

Este meu canto-algoz
Não o arquiteto.
Nele me sou... morto.

2. ESTUDOS BARROCOS EM TOM MENOR

I

Na inversão do caos plantei-me como rocha.
E das linhas refletidas nos céus fragmentados
roubei um pouco o som, a cor e a dissonância
para ter, novamente, o retângulo nascido
no ventre das correntes marítimas de mares
sugados, carcomidos por barcos e naufrágios.

As rosas palpitavam nas pontas dos triângulos.
E vinham navegando colunas pelos ares
e cubos assimétricos e cones e cornijas.
E as ruas despertavam das portas e das pedras
cansadas de sentirem pesando sobre si
o peso imponderável dos sóis entardescentes.

Cresciam nas janelas o cacto e as tulipas.
E os cães seguiam lerdos ao lado dos arcanjos.
No cais, entre as ruínas, soavam badaladas
que os ratos devoravam, à noite, amedrontados.
Então, quis inventar o mito de mim mesmo
com os restos dos navios batidos pelos mares.

O poema se constrói como a flor e o cogumelo.
De velhos janelões, de arcadas e postigos,
de ruas, cães vadios, palhaços e farândolas
detive a essência.
E faço ressurgir de eterno caos
a rocha permanente coberta de corais
o templo que é morada do coro angelical.

II

Os pássaros cantantes deslizavam
Na superfície calma de teus olhos.
Das ondas sugeridas em teu corpo
Compus o brilho claro e o som profundo
Para vir em sussurros derramá-los
No cântaro deixado em nossas mãos
Como prêmio dos perfumes conquistados
No caminhar constante dos luaires.

Quando os pássaros chegaram – frágeis barcas –
 As rosas se compunham para a dança
 Que os anjos navegantes inventaram
 Para o leve despertar destas janelas
 Debruçadas sobre o azul do vento mar.
 Só depois percebi que esta paisagem
 Se gerava das pétalas vermelhas
 De antigos girassóis envelhecidos.

III

A face posta no verso
 reverte na mesma face
 deste ponto quase fosco
 ou similar contraponto.

As mulheres e os centauros
 imprimem cantos nas cores
 das mortas ruas, dos arcos,
 em noites de além viver.

Os pés descalços nas pedras
 ferem pedras e relâmpagos
 ressuscitam fatuamente
 nas alamedas oníricas.

O sonho que nunca nasce
 em noites de estrelas fulvas
 vem depressa navegando
 em mãos ou barcos dementes.

E quando a palavra cresce
 desmedidamente aqui
 no contraponto de Mozart
 vejo o milagre do sonho:

posta em verso no acalanto
 a palavra é viva face
 que em relevo se revela
 de dentro do canto fosco.

IV

Teus gestos se plantam no meu corpo
 E sinto a estranha náusea dos espaços
 Varando estrelas, astros, lado a lado.
 Sou apenas desejo
 E não te quero círculo
 Nem fogo, nem luz.

Quebro o compasso com que te fiz arcanjo
 Rompo os cilindros, os cones, as cornijas.
 Não te quero espaço nem rija simetria.
 Quero-te carne ardente
 E noite dolorida
 E noite.

Agora sigo só. Comigo o choro
 Das medusas, das algas, do hipocampo
 Que vinham navegando nos teus cios.
 Quero-te noite e amar
 O mar que consumiu
 A sede de ser teu
 Em ti.

V

O campo é rudimentar
 Onde sepulto a semente
 Do grito dos que partiram
 Para o morrer inconforme
 E linear.

Não canto. Os deuses fugiram.
 Convém esperar que voltem.
 As horas morrem cantando
 O canto do nunca-amais
 Triangular.

Espanto e morte se fundem
 Na solidez improvável
 Das horas que nunca findam,
 Dos sinos que tangem o tempo
 Retangular.

Escampo é o tempo que foge
 Dos ponteiros do relógio.
 Talvez os deuses não voltem:
 O retorno é sempre longe
 E circular.

3. O (MEU) SENTIR DOS OUTROS

SUBSÍDIOS DE MARINHAS PARA O POETA SEBASTIÃO NORÕES.

O relógio se fixou no mar.
 Na praia sou apenas permanência.
 E crio na minha estática sonâmbula
 Momentos do mar silêncio.

Tudo é muita sugestão.
 Estas palavras pescadas
 Nestas marinhas andadas
 Ao longo do mar sertão.
 A praia não me conduz
 Esta praia que é agora.

É preciso muito mar
 Para poder captar
 A hora certa do sou.

As ondas despertam a praia
 E jogam na permanência
 Restos do mar que o relógio
 Há muito guardou fixados:
 São búzios, são conchas róseas,
 Azuis e brancos de infância,
 São longas jornadas findas
 Numa qualquer solidão.

Com os restos do mar jogados
 Na praia a custo libertos
 Por este ponteiro-anzol
 É que fabrico no verbo
 O meu veleiro de mito
 Que me transforma em retorno
 Pelo mar de um verde ontem
 De onde outrora eu vim flutuo.

É preciso muito sangue
 Muita palavra translúcida
 E muito só sem mensura
 Não pra fazer o veleiro
 Mas pra repor tanto verde
 Na aquarela tão estática
 Da face da praia morta.

PARA A REPRISE DE LUZES DA RIBALTA

Eis que vens, de novo, bom Calvero,
Para as telas, para o mundo,
Para os olhos, para as almas.

E foi preciso que viesses para que recomeçássemos.

Desde o início a infância nos conduz
E ela é o segredo que nos abre
Num doce encontro, sem mentiras,
As portas de todos os segredos
E deste maior que é a vida,
Que é força, que é dom e que é destino.

Como vieste outrora, agora, voltas
E retomas velhos temas, sem cansaço,
Porque tudo é recomeço; nada, findo.
E a própria futilidade de existir
É a substância da volta interminável.

Entre o gesto, a música e a palavra
Permaneces intocável.
És a sombra que ilumina o nosso riso,
És o pranto que faz rir o nosso nada.

Para que somos, lutamos e aprendemos
Senão para chegar à conclusão
De ser a vida inevitável como a morte?

Para que somos, amamos e choramos
E sofremos e há noites e manhãs
Senão para aprendermos a lição
Das flores, dos insetos e das pedras?

Assim edificamos nossas vidas;
Chorávamos, há pouco; e, agora, rimos;
Ontem fomos deuses; hoje, proscritos.
E quantas vezes morreremos? Quantas?
E quantas vezes voltaremos dessas covas
Onde tudo parecia concluído?

E que nos mata, Calvero, senão mesmo
O medo que sofremos de nós mesmos
O medo de sabermos que não somos
Senão o que escondemos e frustramos?

E que nos ressuscita? Quê nos salva?
Senão sabermos que tudo está passando
Mas que ficamos – mesmo naufragados –
Além do brilho interminável das estrelas?

Este encontro com o nada, o reencontro contigo,
Podre palhaço velho, doce amigo,
Vem nos dizer, de novo e ontem e sempre,
Que poderemos rir até ao fim.

Para quem apelarmos? Para os fortes?
Para aqueles que a nós podem esmagar
Como às pulgas fazemos entre os dedos?

Para quem apelaremos neste instante
Em que tudo se consome em sonho e fuga?
Para aqueles que amamos e nos traem?...

Velho palhaço, antigo companheiro,
Que nos ensinas a vida rudemente
De tal modo rudemente que não cremos
Seja nossa a tua vida... e gargalhamos!

Hoje, como outrora, nós te amamos,
E se funda nosso amor nesta certeza
Do que nos ensinaste: do pranto nasce o riso;
A dor, da gargalhada; o canto, do silêncio;
Do palhaço que morre, a dança inacabada...

TENTATIVA DE FALAR COM JORGE DE LIMA

Jorge,
Imenso irmão na poesia.
A Fé nos transpassa alma e sexo.

Ilhas plantadas na confluência
Das águas despencadas sobre nós
— Glória e maldição —
Das águas que nos sobem sob os pés
E nos sugam para baixo sem piedade
— Jorge, maldição!

Ninguém pode fugir impunemente
Ao divino destino de ser ilha.

A noite é um pesadelo de clamores:
Atabaques rufando nas trevas;
Histeria de gritos rachados;
Iemanjá! Xangô! Orixá!
Mandingas. Terreiros. Batuques.
Catinga de bodum. Aroma enjoado.
Folhagens. Incenso. Alfazema.
Asfixiando. Asfixiando. Asfixiando.
Exu! Oxum! Pai-de-santo!
Catimbó, Jorge, Catimbó!

Os navios negreiros trouxeram
A mandinga, o lundu, banzo e negro
E também misturaram no barro
Este cheiro e este gosto-sexo
Febre.

Meio-dia.

Rede branca.

Modorra, Sinhá.

Mas, primeiro, chegaram veleiros:
Cruz de Cristo vermelha nas velas.
Caravelas do Tejo na História
Das armas e barões: Saudade e Fé
Caravelas de argamassa ancoradas
No imenso canal: Sobrados.

Nas costas
Pai-de-santo nos cruzou.
No peito
Cruz de Cristo batizou.
Cruz Credo, barão,
Jorge,
Cruz Credo.

Ilhas devassadas lado a lado
 Decalcadas em barro e água benta.
 Ilhas plantadas no centro
 Do tempo e da eternidade.

Jorge,
 Convulsamente, atropeladamente, febrilmente,
 Sugeriste para os filhos dos barões
 E para os netos dos escravos
 Novo caminho a seguir.
 É preciso gerar palavras novas
 Palavras concebidas muito além
 Da lógica e da gramática pra sentir
 E ouvir
 O rito do candomblé
 A saudade do Tejo

E a voz do Pai, do Filho e do Espírito Santo.
 É preciso, para gerá-las
 Fazer feitiço, pegar santo,
 Comer barro dos barrancos
 E ser santo taumaturgo
 Que nem Santo Antônio, o taumaturgo.

Ninguém pode trair esta angústia
 De ser ilha colocada
 No encontro dos rios que sobem
 Da terra e dos que descem do céu.

Ninguém pode negar que sente
 Que está sendo dissolvido.
 Mas nem tudo. Só em parte.
 Que o barro as águas levam,
 Mas fica boiando a luz.
 Promissão.

É isso, Jorge, que estamos
 Querendo dizer, porém...
 Que é isso, Jorge, que é isso?
 Que é isso que está chegando
 Do Fundo do engenho morto?
 Será alma do outro mundo?
 É anjo? É febre? É loucura?
 Modorra na rede. Delírio.
 Jorge!
 Cruz Credo!
 Feitiço!

POEMA DO MESTRE

Ardente como as línguas de fogo,
 Pulsos de Titã, Hercules, gigante,
 Alma telúrica de semeador.
 Os dedos de suas mãos
 — Incultas cerâmicas —
 Despejavam caminhos
 Sob os pés que brincavam a ciranda.
 E eram os instrumentos perfeitos
 Para a fecundação de fartas luzes
 No ventre das florestas recém-nascidas.

Quando surgiu dentre as flores
 Tinha o aspecto de um suave tufão
 E seus olhos eram dois faróis acesos
 No mar em convulsão.
 Carregava em sua carne jovem
 A argamassa de onde criaria mundos.

Barro, fogo e água
 E as línguas de fogo
 Eram o seu sinal, signo e brasão.
 De rei, não.
 De estatutário, talvez, ou
 De indicador de caminhos.

Loucura partir para o mar revoltado
 Com suas mãos incultas.
 Assim mesmo partiu
 Levado unicamente pelas correntes
 Esverdeadas
 Dos sonhos aventureiros
 De criar
 A expansão multiforme
 Dos germes azuis e cor-de-rosa.

O sol e a lua encontravam o dorso curvado
 Do semeador
 — Barro e fogo
 Línguas de fogo
 Pulsos de Titã
 Mãos de estatutário —
 Rasgando o ventre da argila virgem
 Com seus dedos
 Pesados como o barro
 Ativos e lúcidos como o fogo.

Talvez não criasse mundos.
 Mas, acendia estrelas
 Para as futuras
 Noites escuras.

O RELÓGIO

O relógio na parede
 É guia do desalento.
 Um gato passa na rua.
 Cai a noite. Plange o vento.

Na janela fico olhando:
 O vento cai carregando
 Restos da vida que foi.
 Que meu canto não ressoe

Nas paredes deste quarto.
 Entre as paredes do quarto
 Vou seguindo sem me ser
 Das horas vendo o morrer.

De muito ver me secou
 Em pedra a voz, e o desejo:
 Apenas consinto em ser
 A morte que posso ter.

Não faço aquilo que eu quero
 Não sou aquele que sou.
 Apenas vislumbro a face
 Daquele em que em mim sonhou.

Ó sóis tingidos de sangue!
 Ó luas feitas de mar!
 As águas correm. Decorrem
 Meus dias vão, sem parar.

Em cada minuto findo
 Escrevo curtos poemas.
 Este quarto me é prisão
 E os ponteiros são-me algemas.

Este relógio não para
 Mas muitas vezes recua
 E traz vestígios de histórias
 De algum rosto ou qualquer rua.

Ninguém me chega a saber
 Ninguém me chega a sentir.
 As horas turvas me escondem
 Me ocultam dentro de mim.

Chove muito. Chove sempre.
 Não sinto o tempo passar.
 Estou seguindo. Não sei
 Onde e nem como chegar.

Apenas sou. Sei-me apenas
 Estando no tempo essência.
 Há muito estou naufragado
 Nas torrentes da demência.

A rua é um rio que se esvai
 Levando a gente à flor d'água.
 No relógio passa o tempo
 Mas não passa a nossa mágoa.

G A T O

gato opaco
 gato fosco
 gato plástico
 gato elástico
 e domestico

gato feito
 sombra e luz

gato sobre os telhados
 gato atravessa a rua
 gato sobre o sofá
 gato irmão da lua

gato da madrugada
 gato de aguda garra
 gato de pelo fofo
 gato que come rato

gato dorme de dia
 gato flácida almofada
 gato esgares miados
 gato come passarinho

gato arranha ferino
 mas esconde logo as unhas
 gato come o menino
 menino não quer dormir

gato preto
 olho amarelo
 gato egípcio
 gato místico
 superstição

gato assombro
 couro de gato
 morto enfim
 vira ritmo
 de tamborim.

VELHO SENTADO NA CADEIRA DE BALANÇO

Ele parece um cansado cavalo velho.
(A cara é comprida e mansa).
As rugas do rosto, as rugas das mãos
São os imperscrutáveis roteiros de si mesmo
Percorridos, dia-a-dia, em longos sonhos,
Em longos prantos, em longa vida,
Em longos silêncios, em longo navegar,
Em longa solidão de se ser só e ser-si-mesmo.

Seu corpo é frágil como um vaso trincado
De fina e desbotada porcelana
Em antiga cristaleira abandonada.
E nos seus olhos opacos e doridos
Há uma espécie de mansidão cavada:
Cava e muda, retalhada e mártir
Que, à custa de mortes e martírios
Foi, penosamente, ganha e conquistada.

Na cadeira de balanço recostado,
A pendida cabeça cochilando,
Os calados lábios e a agora inútil carne
Que se desprende dos ossos quase à mostra,
É vaso sem perfume, é flor descolorida,
É arca antiga pejada de segredos,
É casca que solta de velho tronco seco,
É vida em conclusão, é morte começada.

Já não é mais. Apenas foi nem há de
Ser que não é ser a morte, mas não-ser.
Foi homem, foi jovem, foi menino.
Foi lutador. Foi fundador. Foi criador.
Foi pai, irmão, esposo e filho amado.
Foi desejo, foi sonho, foi futuro.
Foi músculos, foi nervos, foi carne em floração.
E, hoje, apenas é um resto de alma sentado na cadeira.

O PORTO É O RELÓGIO

O relógio está parado
Doce vestígio encajado
Não marca o tempo de aqui.
Que o tempo já foi, já fui.
Nesta praia, apenas,
Sou:

Concha morta, azul vazio.
Róseo inútil,
Morto ser.

Mas quando sinto que o mar
— Ó esperança em azul —
Vem despertar esta praia,
Então, fabrico o meu barco
E parto — o porto é o relógio —
E volto pro mar fecundo
Eu, ressurgida criança,
Em palavras verde-azul.

CASAS

Do carro em que vou seguindo
Eu vejo as casas passando.

Pássaros em pouso, apenas,
Ninhos, não.

As portas se escancaram
para dentro — asas cansadas
ou velas recolhidas.

As casas não têm raízes.
Branças, azuis, amarelas,
sempre são tendas, velas.

Grandes, pequenas, ricas,
Pobres, alegres, tristes,
Do homem são iguais ao coração.

As casas todas estão
bem unidas pelo chão.
As casas moram nas almas,
As almas moram no chão
O homem morre, a casa morre
e vão no mesmo caixão.

HOJE, A TARDE ESTÁ MUITO AZUL

Hoje, a tarde está muito azul.

Não há ódio no olhar dos homens
E os olhos das mulheres são bondade.
Levemente o sol derrama uma camada
De ouro muito velho sobre as águas.

Os motoristas dirigem com cuidado
E os pedestres caminham descuidados.
Não houve nenhum desastre borrando
De vermelho o azul da tarde.

Não houve nenhuma tragédia:
Nenhum marido abandonou a mulher;
Nenhum operário caiu do andaime;
Não houve nenhum incêndio na cidade;
Nenhum anjo se revoltou contra Deus.
Os sexos estão repousados:
Virgem alguma foi, hoje, deflorada;
Não houve incestos nem adultérios;
Não houve casos de inversão sexual;
Não houve nenhum crime passional
Registrado na crônica policial.

Hoje, a tarde está muito azul...

Não houve prisões nem fuzilamentos políticos
Em qualquer parte do mundo.
Não houve jovens partindo para a guerra
Em qualquer parte do mundo.

Não houve seqüestros nem lutas raciais
Em qualquer parte do mundo.
Não foram feitas experiências com bombas nucleares
Em qualquer parte do mundo.

As crianças soltam balões na praça
Sem medo de morrer bombardeadas
E os namorados esperam a noite, em paz.

E, enquanto as crianças brincam na praça,
Em paz,
Passa o enterro alegre de um menino
Levado, por meninos, num caixão azul.

Hoje, a tarde está muito azul...

ORÁCULO

Tenho pena, disse-me o meu Deus,
Daquele que é amado por mim.
Tenho muita pena.

Tenho pena, disse-me o meu Deus,
Porque aquele que eu amar
Jamais
Terá um só momento de paz.

Aquele que eu mais amar
Jamais terá dias tranqüilos
Nem mesmo aos domingos
Ele poderá se divertir.
Por exemplo, não terá
Aquela paz necessária que é preciso ter
Para passar um dia inteiro, de calção,
Num balneário. E se sentir feliz.
E, à noite, não freqüentará boates
Nem *dancings*, nem *night clubs*,
Porque já não terá mais em si
A tranqüilidade inócua dos felizes.

Não digo que ele não vá. Isso não.
Ele vai. Mas, não como os outros vão.
Porque o que ele busca nessas coisas
Não é mais felicidade. Nem prazer.
O que ele quer mesmo é me encontrar em tudo isso.
Porque eu o amo de tal modo
Que ele quer me encontrar em toda parte.
Aquele que eu amo, disse-me o meu Deus,
Fica besta que nem poeta e namorado:
Me julga ver em toda parte e em todo mundo.
E não se cansa nunca de me procurar.
Por ele, nunca mais me largaria
Nunca mais estaria longe de mim.
E este desejo de estar perto de mim,
Sempre,
É que o fere e o maltrata.
Um dos que eu mais amei, foi Paulo,
Aquele judeu nascido em Tarso.
Outro que também muito amei foi Francisco.
Aquele nascido em Assis, na Úmbria — Itália.
E vocês bem sabem as tolices que fizeram.
Se a causa de tudo aquilo não fosse meu amor
Eu vos digo que não aprovaria o que fizeram:
Não aprovaria ter Francisco brigado com seu pai
Nem Paulo ter apelado, tolamente, para César.
Isso não são coisas que um homem de bem deva fazer...
Mas, enfim, o culpado fui eu que muito amei.

É por isso, disse-me o meu Deus,
 Que eu não amo todos os homens igualmente.
 Porque eu não sei amar de outro modo
 Só sei amar assim, desmedidamente.
 Não sei amar como amam os homens *comportados*:
 Com elegância, com medida, com *finesse*.
 Porque eles são feitos com medida e com limites.
 Mas eu sou o *sem limites* e o *sem medidas*.
 Por isso não amo todos igualmente:
 Escolho entre muitos os que podem
 Suportar as minhas exigências. Os mais fortes.
 Porque depois de algum tempo ficam fracos
 E consumidos pelo meu amor que os devora.

Eu sei, disse-me o meu Deus, que muitos gostariam
 Que eu os amasse como amei Francisco e Paulo.
 Mas eles não sabem muito bem o que desejam.
 Eu sei que eles não resistiriam ao muito amor
 Porque são limitados e muitos fracos
 Por isso não amarei todos igualmente
 Porque mesmo os mais fortes quase não resistem.
 Ainda hoje acho graça dos doutores, disse Deus,
 Que querem explicar as cantigas de João da Cruz
 E as visões da minha Teresa d'Ávila
 Como um simples caso de psicopatologia.

E, depois, disse Deus, eu mesmo quis que houvesse
 Entre os homens e, mesmo, em minha Igreja,
 Um certo clima de paz e de sossego
 Para que as coisas fossem feitas devagar
 Como convém que se faça entre os humanos.
 Porque só eu sei fazer, com rapidez,
 Coisas bem feitas, bem perfeitas.
 Mas os homens não sabem e é preciso,
 Por isso, dar-lhes tempo e alguma paz.
 Mas, aqueles que eu amo perdem a paz
 E querem fazer tudo logo e de uma vez.
 E não deixam mais ninguém ficar em paz.
 Atrapalham mesmo os meus Pontífices
 No governo da Igreja se eu não chego
 A tempo de impedir que assim o façam.
 Porque os meus Pontífices, são meus Pontífices.
 E eu os quero assim. Mas, nem sempre
 Meus Pontífices são meus amados também.

Tenho muita pena, disse Deus,
Daquele que é amado por mim.
Porque é muito triste ver um homem
Pequeno, limitado, circunscrito,
Querendo satisfazer o meu amor
Ilimitado.

Tenho muita pena, disse Deus,
E, muitas vezes, também choro
Quando, a sós, ele chora,
Me suplica e implora
Para que me afaste dele.

Tenho muita pena, mas, não posso
Fazer nada por ele senão mesmo
Mais amá-lo, mesmo que não queira.

VIGÍLIA

Quando escuto passos no caminho
Sei que não vens...
Mas, te espero.

BRANCA DE NEVE

Você nua
Você linda
Você rezando
Você cantando
Filosofando
Olhos abertos
Olhos fechados
Olhos me olhando
Você dormindo.

Adeus! Adeus
Estrela d´alva
Você morrendo
Branca de Neve,
Você, Inês,
Glaura, Natércia,
Chopin tocando
— Valsa brilhante —
Você dançando.

Nuvem do céu
Você eterna
Você tão bela
Você tão longe
Curvilínea
Retilínea
Curvilínea outra vez.
Você tão longe...
Existe ou não existe?

Você impossível
Enfim, você.

Á MANEIRA DE TAGORE

Olha: as águas do rio estão correndo lentamente.
O rio está correndo tranqüilamente depois da chuva...

Seja sempre assim o nosso amor.

O céu está todo azul e sem manchas depois da chuva.
As nuvens estão lavadas e brancas depois da tempestade...

Seja sempre assim o nosso amor.

No dia do meu aniversário
O garotinho do meu amigo me deu de presente uma caixa vazia.
Guardei-a...

Seja sempre assim o nosso amor.

O jasmim é perfumado e flor apenas um dia.
Mas, neste dia, é todo flor e perfumado...

Seja sempre assim o nosso amor.

CANTIGA DE ROSA

Rosa do tempo
Rosa disfarce
Mudo chamado
Múltipla face.

Digo teu nome:
Logo me calo.
Quanto mais canto
Mais eu me calo.

Tempo da rosa
Tempo do canto
Claro chamado
Nasce e renasce.

Hoje revelo
Todo o disfarce:
Canto calado
Faz-se e refaz-se.

Quero calar-me
Para curar-me
Deste quebranto
Sonho e disfarce.

Rosa é do tempo
Do canto é face
E é tudo quanto
Nasce e renasce.

A FACA E O FRUTO

fruto e faca
se colocam
novamente
frente a mim

o fruto jaz sobre o campo
pesado vivo fechado
cofre ou concha não tocada
surgida de mar espesso:
mistério na praia branca

o fruto nasceu da terra
queimada porém fecunda
— descolorido sarcasmo
ou silente desafio —

sobre a mesa jaz o fruto
esperando que por fim
eu lhe rasgue a casca tênue
e o devore totalmente

sustento na mão a faca
— jaz o fruto sobre a mesa —
e a fome que me consome
somente se acabará
quando eu comer a semente

que força me dará força
de revelar a semente?
pode a luz atravessar
a cortina indevassável
deste opaco vegetal?

sustenho a faca na mão
trêmula rasgo a casca
e a polpa fácil desponta
como um corpo que se dá.

bem posso comer a polpa
mas é preciso no entanto
vencer o mito da face
pois não me tortura mais

a fome de polpa tenra
mas de semente fecunda.

irá para o lixo a casca
 e a nédia polpa darei
 aos muitos mendigos que
 a mesa rondam famintos.

mas não se rompe a semente
 à minha faca sem gume:
 mal lhe risco a face rude
 sem tocar no cerne vivo.

e faminto me resigno
 a livrar-me desta faca
 esperando que algum dia
 eu descubra aguda lâmina
 que me oferte totalmente
 todo o fruto que eu desejo:

casca — polpa — semente

INSÔNIA

No poema fendido
 As onomatopéias se avolumam.

Um desejo irresistível
 De ler Pablo Neruda
 Para me libertar
 Das paredes de cimento armado.

Escancaro as janelas, lado a lado:
 As tulipas estão dormindo
 E a noite retangular
 Oferece um quadro pavoroso.

Mais pavoroso ainda
 É o raio de luz
 que rompe a escuridão
 e projeta na parede-écran
 a disforme silhueta de
 um homem fumando um cigarro.
 Homem, noite, cigarro:

A trilogia dolorosa
 Se não fosse a ironia dos gerânios.
 Faço um pedido de silêncio aos cães que uivam
 Para ver se consigo ouvir
 O vagido de algum recém-nascido
 Ou o gemido agudo de uma fome.

Agora é mais noite só
Depois que a ponta do cigarro
Cortou a escuridão
Como se fosse uma estrela cadente.

Nenhum vagido. Nenhum gemido.
Apenas, o bafo de alguma boca animal
Que boceja
Sem que seja
Desejo de dormir.

REMEMBER

Por tudo o que foi
Por tudo que ouvi
Por tudo que eu vi
Estou voltando aqui.

As plantas cresceram
As tintas morreram
Crianças morreram
As faces mudaram.

A casa ficou
Mais velha e mais só.
E, muitos, agora,
Sorriem felizes.

É bom vir aqui
Lembrar o que foi
Lembrar os que foram
Sem ver os que estão
Sem ver os que vêm.

Só importa os que foram
Pra morte ou pra viagens
Só importa o que foi
Pra não voltar mais.

Não pelo agora
Não pelo já
Não pelo aqui.
Mas,
Por tudo o que foi
Por todos que foram
Estou voltando aqui.

RÓSEO ROSTO DE MENINO

Lavarei o meu poema
Nas águas do meu tormento
Ao sentir um grande medo
De deixar fugir o medo
De não mais muito querer.
Lavarei minha memória
Nas águas de outra estória.

Passado: ida sem volta
Que volta quando já vamos
Bem longe, em meio à vida.
Passado: rio, nave ou quilha
Que renasce em redondilha.

A cantar foi que parti
Para longe desta face.
Simplesmente vou rimar
Doce face com disfarce
Pra gravar no verde falso
Velhas luvas que descalço.

Muita vida se resume
Neste humor tão triste e fino:
Lavo... lavo o meu passado,
Porém, fica mal gravado
Em tenra folha de alface
Róseo rosto de menino.

CANTO MATINAL

Há sempre sóis miliágonos
Nessas manhãs furta-cores.
Desejo imenso: ser chão
Germinando malmequeres.
Relincham éguas no cio
E o sol cravou-se nos olhos
Do cão que brinca entre flores.

Ah! Dálias desodoradas!
Estou livre! Uma pantera
Devorou minha certeza.
E esta luz, semente-luz,
Mal se esconde comprimida
Na carapaça de argila.
Este desejo me enrija.

Um canto milhões de pássaros
Se estilhaça em diamantes
Polidos, puros, brilhantes.
Ó lucilância de estradas!
São todos os vegetais
Incestos de luz e cor:
Rubi, topázio, esmeralda.

Nesta manhã furta-cor
Multicor, infindacor,
Quisera ser urzes bravas
Desses prados orvalhados
Que esperam fecundação.
Nesta manhã toda luz
Somente sou luz-manhã.

Há tanta vida no chão,
Há tanta vida no azul.
Em clorofila me banho
E me torno vegetal.
No lugar do coração
Girando está loucamente
Rosavento um girassol.

A voz animal me comove.
Já não sou mais relação
De paralelas eternas.
Neste mundo natural
Tenho raízes — subsolo
Tenho tronco e fronde — solo
Sou deus fecundo de mundos.

Sei que não vou mais poder
Suportar a compressão
De tantos mundos querendo
Libertar-se delirantes
De tão pouca ontologia.
Como um fogo de artifício
Vai romper-se todo o ser.

E vou morrer de viver.

NATAL — 1964

Não me referirei ao nome de meu irmão, ao falar deste monstro aqui.
Kafka — *Metamorfose*.

... E paz na terra aos homens de boa vontade. Lucas (2:14)

Para que se faça de novo a paz na terra
E , nas celestes esferas, harmonia
E tranqüilidade nas marítimas correntes,
É preciso, por força, que tu mudes.

É preciso, talvez, que renunciés
Aos teus dois braços que se movem
E às tuas mãos que arquitetam rosas
E gesticulam mistérios e ternuras.

É preciso, talvez, que se escureça
A luz perscrutadora dos teus olhos,
Dos teus olhos que sonham madrugadas
E bebem as águas úmidas da noite.

É preciso que amputes o teu sexo
E derrame-se por terra todo o sangue
Que corre impetuoso em tuas veias
Transformando em germes teus desejos.

É preciso que mudes. Na verdade,
Quando chegas há sempre este pavor
Que agita mundos firmes e serenos
— Que sempre foram firmes e serenos —.

Quando chegas, assim, como és agora
Com dois olhos, dois braços, duas pernas
E a monstruosa luz que mal se esconde
Sob os tecidos porosos da epiderme,

Os mortos ressuscitam, os anjos tremem,
Os deuses se acovardam, rugem ventos,
Os mares se revolvem, astros morrem
E os homens se contorcem como vermes.

Impossível queres continuar
Assim como tu foste desde o início,
Pois, gemem em ti as convulsões dormidas
De pré-diluvianos mares e vulcões.

Trazes em ti todas as iras mortas
Que nas origens dos tempos existiam
Nos ventres, nas patas e nas pontas
Dos monstros primitivos, hoje, findos

E, apenas, revividos nos teus passos
Que andam pelas ruas, no teu riso,
Nas palavras que dizes e corrompem
O equilíbrio das messes e cidades.

É preciso, pois, que te transformes.
Que renunciés a tudo. Que te negues.
E comeces a ser um outro ser qualquer
Que, apenas, não seja o ser que és agora.

Apenas sejas fruto podre, inútil
Ou muda pedra, raiz, inseto morto
Que as formigas devoram, por instinto,
Para que haja, de novo, a paz no mundo.

APOCALIPSE

Os meteoros ameaçam nossos jardins.

É hora de decolarmos
Para a infinitude do silêncio dilatado
Com nossas asas de sonho
Antes que a terra exploda
E se escancare como a fauce
De uma desmedida flor carnívora
Faminta de nossos corpos.

Não mais teremos tempo
De colher o fruto do nosso canto.

Os meteoros ameaçam nossos campos.

Os mares cobrirão nossas faces;
Os vulcões ressecarão nossos ossos;
As mãos, os ventres, os sexos
Murcharão sob o fogo das estrelas
Que cairão sobre vales e colinas.

Os meteoros ameaçam nossos rios.

É tempo de partirmos para o espanto desmedido.
De que fomos, fizemos ou cantamos,
Ficará, apenas, o invisível traço
Do vôo da ave indivisível
Que se consumiu no espaço.

**PEQUENA BIOGRAFIA DE ARLEQUIM
EXTRAÍDA DO DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO BRASILEIRO**

Arlequim é personagem
da comédia italiana
do século dezessete.

Ele traja indumentária
Toda feita de retalhos
De panos de várias cores
— Multicolor indumentária —
Cobre sua face de agora
Com máscaras de bufões
Da velha Grécia de outrora.
Arlequim morreu na Grécia

E ressuscitou na Itália
E anda zombando hoje em dia,
Com seu riso galhofeiro,
De todos nós — seus irmãos —
Nos palcos do mundo inteiro.

SONETOS AUTOBIOGRÁFICOS

[1]

Fecundar o próprio sêmen sem ter medo
De em si mesmo dar o ser ao monstro azul.
Escalar o próprio abismo desmedido
E sorrir a cada passo dado em falso.

Desmembrar a tessitura do mistério,
Dissecar a óssea face em frente ao espelho
Estancando a imagem tola no momento
Da mentira venerável — prece infame —...

E depois compor de novo a melodia,
Restaurar as cores todas distendidas,
Refazer o mesmo poema delicado

E ficar paradamente na vidraça
Contemplando a chuva grossa e intermitente
Escorrendo em borbotões pelas sarjetas.

[2]

Dos momentos fugazes que me comem
Nasce, agora, meu canto manso e triste.
E me visto de sombras já vividas
Que me chegam em surdina. Tarde azul.

Ó pedaços eternos que eu retive
No mistério das mãos transfiguradas!
Ó lunares desvairados destes rios
Já vividos e outrora decantados

Nas estórias, nas lendas, nos lilases
Que floriram sorrisos e jardins
Morridos, muito longe, em róseo ocaso.

Ó momentos de luz que tão fugazes
Recompõem meu poema neste agora
Com palavras mudadas em lilases!

[3]

A égua caminhava a passos largos
 Por entre a lama espessa, mal cheirosa,
 A égua que nasceu de barro e sopro,
 Pesada e, ao mesmo tempo, vaporosa.

A égua percorreu todo o passado:
 É lenda, é mito, é sombra luminosa;
 Galopa semeando vida e morte,
 É frágil como a flor e belicosa.

Tem alma muito embora em seu ventre
 Aninhe fauna imunda e tenebrosa
 De serpes e batráquios peçonhentos.

A égua chega sempre. Chora às vezes.
 Às vezes, come fezes. Eu a vi
 Comendo, em céu de estrelas, uma rosa.

[4]

O cavalo se esconde na espessura
 Da selvagem floresta, murcha a crina.
 Vendo-o assim, na floresta, mansamente,
 A cabeça curvada, quem dirá

O mistério daquele dorso brônzeo?
 Está prenhe de sol e não há noite
 Em seus olhos de fera e nas narinas.
 É dinâmica posta em doce paz,

Comprimindo, nas patas e nos flancos,
 Na cabeça de pégaso ferido,
 O poder fecundante do universo.

Vendo-o assim, mansamente, ninguém julga
 Que é capaz, se quiser, de, num segundo,
 Refazer, totalmente, o velho mundo.

[5]

O esqualido triângulo se funde
 No círculo sem luz da selva escura.
 Na sáfara planície mal germina
 A chama horizontal. Sorriso, apenas.

Grudada está a saudade, sem disfarce,
 À cor trazida, outrora, em caravelas,
 De longes horizontes. E as ogivas
 Já mortas ressurgindo no barroco.

Remotas viagens marcam velha origem.
 E o gato e o cão e a virgem estrela morta
 De quinze pontas de ouro. Voz em prece.

Tangente esforço — fraco — de ser santo.
 A fome aguda e sempre de ser lúcido.
 E a boca posta em pobre canto.

Triste.

[6]

As noites dos assombros se gravaram
 Nos olhos do menino, para sempre.
 Cravou a rude fera suas ventosas
 No plasma nuclear do qual rebenta

A vida. Não na crosta... Mas bem no âmago.
 Na zona claro-escura onde se fundem
 Os nervos, as artérias, alma e sangue;
 Nas zonas onde a carne faz-se espírito,

Nas linhas onde o barro se faz homem.
 Ah! Noites de fadigas e de prantos!
 Ó luares dissolvidos no porvir!

Ó pássaros de assombros! Muito embora
 Eu lute, cante, chore, não consigo
 Tanger-vos dos meus olhos de menino!

[7]

És desejo, talvez, ou limpo canto
Que se põe como branca toalha sobre
A descampada e vaga solidão
Do vasto campo azul deste meu canto?

És a fuga, talvez, de fontes puras
Que se lançam, medrosas e perdidas,
Para o mar tenebroso, inavegável,
De onde chego no canto feito nave?

És a rosa? Ou quem sabe se és a sombra
Das estrelas morridas de não ser
Mais que luz, mais que brilhos solitários?

Ou te pões simplesmente como a nota
Que fugiu, para sempre, da sonata
Imatura que eu fiz de brilhos falsos?

[8]

O cais está deserto. A noite é vasta.
O vento sopra fino. As águas negras
Paradas se repousam das fadigas
De naves que partiram soluçantes.

As luzes tremeluzem cochilantes
Dos negros postes magros penduradas.
Do guarda, os passos lerdos, sonolentos,
Acordam surdos ecos nas distâncias.

E a sombra do seu corpo se projeta
No longo tombadilho do silêncio
Escura e densa como ponte armada

Do cais para o silêncio da água negra,
Do fim para o começo de outro dia
Do pranto de quem fica ao de quem parte.

[9]

E nós nos esquecemos dos matizes
Das cores penduradas nos baloiços,
Dos risos, das canções e das conversas
Que tínhamos sentados pelo chão.

Das formas e das casas, do equilíbrio
Das árvores dispostas no quintal,
Do córrego, da fonte limpa e fria,
Das pombas se catando nos umbrais,

De tudo quanto foi o que nós fomos,
De tudo que fizemos nos fazendo,
Dos mínimos detalhes que sonhamos

Compondo o que viria — o que seríamos —
Somente permanece a forma inculta,
Disforme, densamente nos cercando.

[10]

Estas aves vêm sempre, ao fim da tarde,
Descansar seus remígios agourentos
No pomar de onde colho doces frutos
Com que faço meus vinhos suculentos.

Elas vêm de bem longe. Me olham sempre
Com desdém. E nas asas trazem ventos
Que uma vez, já faz tempo, naufragaram
Minha nave que nautas desatentos

Dirigiam. E estas aves eu me espiam
Lá de cima das árvores crescidas
No pomar irrigado com águas verdes.

Bem conhecem meu fim. Vencido nauta
Pus-me, agora, a plantar frondosas copas
Que sugerem veleiros em meu canto.

UNIVERSAL

(semanário da Igreja católica, que circulou aos domingos entre os anos de 1953 e 1958).

SÍMBOLO

No azul-negro do céu inacessível
O pássaro branco estava leve
Como uma estrela apagada
Estava o pássaro, morto.

Mas o peixe que nas águas eternas cantava
Morreu na árvore de carne.
Nascida
Da semente da vida.

O pássaro comeu o peixe-fruto
E ficou pesado
Ficou prenhe
Do espírito que intumesce as águas eternas.

Suas penas de mármore então ficaram
Branças como o trigo
Rubras como a uva
Banhadas pelo dilúvio universal.
Ninguém ficou das águas vivas!

Então os cordeiros renascidos
Entraram cantando
Salmodiando
Na cidade de ouro e cristal
O cântico ao Sol que saiu do ventre das Noites
Da Noite Virgem
Da noite torpe.
O Sol que venceu o dragão
O cântico do Sol que jamais a Terra ouviu:
Sanctus! Amém! Aleluia!

Nota do organizador:

Julgo tratar-se do primeiro poema publicado na imprensa local. Aconteceu no semanário católico *Universal*, circulado em 13 de março de 1955. O autor identificou-se com as iniciais: L.R. (Luiz Ruas).

A CRÍTICA, Ronda dos Fatos

SE TEU OLHO FOR SIMPLES

Devemos nos esforçar para tornar mais simples os nossos olhos.

Para que olhemos com simplicidade o nosso irmão.

E não vejamos simplesmente em nosso irmão, em suas atitudes,

[em suas lutas, em seu ódio talvez, unicamente um interesse egoísta.

Se o teu olho for simples...

Talvez ames com mais facilidade o teu próximo.

Vejas com mais objetividade os teus erros e defeitos.

E aceites com mais humildade aqueles que os apontam.

Nota do organizador:

Publicado na estréia de sua coluna – **Ronda dos Fatos**, no jornal *A Crítica*, em 2 de agosto de 1957.

PEQUENA ANTOLOGIA MADRUGADA

Jorge Tufic

Manaus: Sergio Cardoso, 1958.

VERSOS À MARGEM DE UM POEMA DE RAINER MARIA RILKE

.....

 Lancei-me em verticalidade

No abismo que se abria
 Como lábios devoradores
 Da minha própria contingência.
 Morri. Mil vezes morri
 Tentando devassar o meu silêncio
 Semelhante ao das fontes congeladas
 Onde o universo parou.
 Mordi. Mil vezes mordi
 A própria carne e devorei
 A essência fugidia que me mata.

A fonte era escura muito embora
 Cristais e perolas luzissem
 Nas sombras das florestas quase mortas.
 Perdi-me no vale das flores germinadas
 E, antes de nascidas, sepultadas
 Na força da expansão germinativa
 Era lama, era barro e também ouro.

Morri. Mil vezes morri
 Descendo o mar profundo.
 Mas quando as ondas jogavam redivivo
 Na praia o fruto naufragado
 Havia pássaros verdes brincando nas espumas
 E uma brisa morna
 Dançava em piruetas na areia
 Criando ninfas coloridas
 De poesia
 Na manhã renascida.

SINOS

Os sinos calaram-se em sons pontiagudos
Projetando no espaço verde-negro
Centelhas desmemoriadas.

De onde vem a voz dos sinos?

Das torres cicatrizadas
Onde o tempo se gravou
Em instantes de pedras?

De onde vem a voz dos velhos sinos?

Essa voz
Que vem até nós
Como velas enfumadas
Pelos ventos intocados
Do mistério inenarrável
Do tempo não nascido?

De onde vem a voz dos sinos?

O canto das estrelas semimortas
Repicava, em azul cristal,
Nas torres enrugadas.

O último canto dos sinos
É silêncio...

leve silêncio.

POSSÍVEL NOTURNO EM LÁ MENOR

Ah!
Esta lua
Neste fim de rua.

Os homens se devoram
Mesmo sobre cadáveres
E ainda chorando a morte
Matam a própria vida.

Esta lua
Somente lua
Neste absolutamente
Fim de rua.

Para o fim da escura rua
Bêbedos passos caminham.
Minha sombra, minha dor,
Meu desengano também.

Ah!
Esta lua
Neste fim de rua.

A ÉGUA

A égua caminhava a passos largos
Por entre a lama espessa, mal cheirosa,
A égua que nasceu de barro e sopro,
Pesada e, ao mesmo tempo, vaporosa.

A égua percorreu todo o passado:
É lenda, é mito, é sombra luminosa;
Galopa semeando vida e morte,
É frágil como a flor e belicosa.

Tem alma muito embora em seu ventre
Aninhe uma fauna tenebrosa
De serpes e batráquios peçonhentos.

A égua chega sempre. Chora, às vezes.
Às vezes, come fezes. Eu a vi
Comendo, em céu de estrelas, uma rosa.

Nota do organizador:

O poema foi posteriormente incluído em seu livro *Poemeu* (1985), no capítulo dos sonetos autobiográficos, mas sem este título.

EVOCAÇÃO DA FRANÇA

A Encarnação é um dogma da fé católica:

A Perfeição se une à imperfeição.

Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

Amém.

Hélas! ça sait tout le mond...

E Joana, a pequena Joana, também sabia

E Péguy também sabia

E o sabia

Antoine Saint-Exupéry.

França

Uma fogueira em meio a brumas

E o Sena correndo aos pés de Notre Dame

Instabilidade...

Eternidade.

França

Muito queijo, muito vinho e muito livro.

França

Carrefour du mond

Séculos de pecados

Peregrinando para Deus.

França

Filha primogênita da Igreja

Mãe fecunda de Voltaire e Renan

França

França da gruta de Lourdes

E das "caves" existencialistas

Dos faustos do Rei Sol
E da penitência de De Foucauld
Hélas! ça sait tout le mond...
Rouault
pintou um Cristo
e... "*les bien pensants*"
protestaram:
— Um palhaço!
Aí Herodes mandou o Cristo fazer mágicas,

Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

França de Rimbaud
França de Claudel
Santa França
Si charnelle.

Amém.

Suplemento Literário
Diário Oficial do Amazonas
Manaus, outubro de 1987. Ano I – nº 12.

O ENIGMA ESCLARECIDO

Videmus nunc per speculum in enigmate; tunc autem facie ad faciem.
(I Cor. 13:12)

A
Carlos Drumond de Andrade
in memoriam

Atrás das límpidas lentes —
Claras — dos óculos,
Os olhos pequenos revelam
Um enigma profundo:
O poeta vê e experimenta
O sentimento do mundo.

O sentimento é maior,
Muito maior do que o mundo.
E se ele (tímido) revela
O que ele sente do mundo,
Não revela (por pudor)
O enigma mais profundo:
Aquele que está lá dentro,
Lá no fundo do que foi.

Por trás das límpidas lentes
O poeta vê apenas
O movimento do hoje
E o passado que é presente.
De tal maneira presente
Que o hoje, no ontem, se funde.
Ontem e hoje são somente
Os limites do seu mundo.
E o hoje é o ontem vivido:
Muito amado, mais sofrido.

As lentes claras dos óculos
(Tão claras como sua alma)
Não vêem adiante: só vêem
A cicatriz que o passado
Cravou na vida distante
Como marca a cicatriz
De uma pedra que feriu
Nosso corpo de menino.

De passado e de presente
(Não de futuro) ele ergueu
Todo o edifício da vida.
De uma vida calma e limpa
Que ele quis e defendeu.
Desta vida que é vivida
Somente pelos que sabem
Os seus limites de Homem.

O enigma é o futuro,
Poeta, pra todos nós.
Mesmo a quem foi dado
Olhar e ver com os olhos
Da Fé: tudo, agora, é como
Um segredo que se esconde.
Nós vemos mas não sabemos
O que no segredo se esconde.

O que é inevitável, porém,
Há-de sempre acontecer:
No agora do pós-morte
Todo o enigma se aclara:
Queiramos ou não, seremos
Presentes no Seu presente.
E o hoje e o ontem do tempo
Se tornam claros. Pra sempre.

CANTO NOTÍVAGO

Para o poeta, compadre, irmão Jorge Tufic;
para os que amaram ou ainda sabem amar a noite.

O meu mar é minha noite:
Nela me encontro e me perco.
Nela invento roteiro
Para os meus passos perdidos.
Para meus passos sem leis,
Para os caminhos sonhados
Pelos meus pés andarilhos.

Nela me faço e caminho
Liberto, navego e vôo...
Falo com os anjos vadios
Que humildemente se escondem
No pêlo dos cães famintos.

Neste meu mar sempre noite
É que me faço o que sou.
Não vejo as cores das casas;
Não vejo as caras dos homens,
As caras dos meus irmãos:
Dos amigos e inimigos.

A noite é cheia de luz!
Não da que vem das estrelas
Mas da que nasce das sombras,
Mas que nasce de mim
E que se apaga de dia:
Como a luz dos pirilampos.

Amo-te, noite, irmã noite,
Imensa irmã de veludo
(Noche oscura! Noche oscura...)
Humilde irmã mal-falada,
Humilde irmã dos humildes
Que não têm lugar ao sol.

De assassinos, de ladrões,
Dos vigias, prostitutas,
Dos bares pobres, da esperança
Dos jogadores furtivos;
Dos que dormem nos batentes
Dos palácios, das igrejas.

Amo-te, noite, irmã noite.
Irmã tão compadecida
Que acolhes sem reclamos,
Sem maldizer, em silêncio,
Em silêncio comovido,
Todos os párias da luz
Todos os párias do dia
Que por si só têm a ti.

Amo-te, mãe dos aflitos,
Amo-te, mãe dos cansados,
Amo-te, mãe dos perdidos
Que não têm rumo nem pouso,
Que não têm paz, nem conforto,
Que não sabem onde ir.

Amo tua paz, teu silêncio,
Amo teus uivos, teus gritos,
Amo os gemidos, os prantos,
Amo os risos... os monólogos
Dos bêbados noctivagantes
Que se perderam a si mesmos.

Sou um vulto que desliza
Pelas pontes, pelas ruas...
Sob portas e janelas...
Pelas cansadas ladeiras
Que sobem... que sobem sempre.
Sou um vulto que se esconde.

No mar descobro meus mitos
Daquilo que eu sou, sem ser:
Sou monstro, arcanjo, duende,
Sou santo, soldado, herói,
Sou saltimbanco, palhaço,
Sou estátua e canto e danço.

No meu mar me desencanto:
Dispo a máscara grosseira
Que me cobre o dia inteiro:
Esqueço as filosofias,
Perco ritos, perco modas
E tudo o que faz dos homens
Espantalhos de si mesmos.

No mar invento poemas
Mais puros que os cantos puros
Da música santa de Bach.
No mar fabrico mistérios,
Falo com Deus e com deuses:
Sou pagão e sou cristão.
Eu sou eu sem ser ninguém.

Sou uma sombra, talvez,
Que pode ser tudo. Ou nada:
Posso apenas ser ladrão,
Assassino ou assaltante,
Para o guarda de plantão.
Para os boêmios que vagam
Apenas sou seu irmão.

Amo-te, mãe sem limites.
Amo-te, amiga, mulher
Parceira de serenatas,
De jogos, de bebedeiras.
Amo-te, mar de feitiços,
Irmã negra, mandingueira.
Amo-te, mar de mistérios,
Onde me encontro e me perco.

N.O.

O poema foi, por iniciativa do homenageado, publicado no *Diário do Nordeste*, Fortaleza (CE), 10 de novembro de 1996.

De certo, elaborado em período anterior, visto que nesta data o autor já se encontrava gravemente acidentado.

Série Memória 14
4ª edição Novembro 2000.
Editada pelo Governo do Estado do Amazonas

CRÔNICA ROMÂNTICA DE ADEUS AO ROADWAY.

padre Luiz Ruas

Posto que, sendo porto,
Sempre foste caminho de partida
Ou barco de ferro e pinho
Que os ingleses ancoraram
Nas margens do rio Negro.
Era "roadway" britânico caminho
Flutuando
Nas índias águas do rio
Que viu, espantado, surgir
No meio da selva bruta
Onde ainda ecoavam nítidos
Os rudes sons dos Manaus,
Uma clareira de sonhos,
De látex e de libras esterlinas

Foste "roadway" e "rodo"

Mas, posto que sempre foste
Porto – caminho de partida
Também foste caminho de chegada.
(De chegada mas, talvez, que de partida).
Pela ponte de pinho
Louro e de negro ferro

Legiões de marujos desfilaram
E de artistas, empresários e turistas
De além-mar chegados, fascinados
Pelo encanto da floresta-mãe
Onde se arrancava das tetas vegetais
O leite branco que se mudava em ouro

Francesas, espanholas e polacas,
Para gozar nas camas dos bordéis
O ouro fácil em que se transmudara
O sangue, o suor, a febre delirante
Dos seringueiros – párias do Nordeste.

E foi por tua ponte flutuante
Que chegaram as “levas” nordestinas
Dos “brabos”, dos “soldados da borracha”
Que seguiam encantados, enganados,
Para os “centros” – distantes seringais
Do Purus, Acre, Madeira e Juruá
Onde findavam – finavam – escravizados.

Passarelas de dor e sofrimento!
Passarela de luxo, amor e sonho!
No teu ritmo binário que acompanha
O ritmo binário deste rio
Que todo ano sempre sobe e desce,
Também foste termômetro da morte
E da vida que todas as enchentes
E vazantes ofertam fatalmente
Aos homens e as mulheres ribeirinhos
E às roças e animais da várzea.

Mas, que importa! Ficaste, Flutuante
Lembrança de um tempo que ficou,
Também, em vários outros monumentos
Erguidos sobre as bases do martírio
De milhares, devorados pela selva
E pela ambição do lucro fácil.

Que importa!
Ancorado ficaste tanto tempo
Mas, também, nas páginas da história
De um povo que, aqui nesta cidade
Dos extintos Manau, sempre viveu
A longa espera de um amanhã melhor.

Caminho da terra para a água;
Caminho da cidade para o rio;
E caminho do rio para o mar;
No macio balanço da tua ponte.

Todos nós de Manaus, em ti, deixamos
Uma pegada da vida que partimos
Dentro em pouco será simples lembrança,
Pois, tuas linhas arquitetônicas serão
Destruídas, apagadas, distorcidas
Em nome de um progresso que une poucos
Gozarão. Toda a história se repete.

“Roadway” dos ingleses engenheiros
Ou “rodo” dos cablocos de Manaus!

Aqui fica este adeus de quem te viu, menino
E, por ti – uma vez – partiu sonhando
Os mais belos sonhos que sonhar eu pude.

Adeus, velho roadway flutuante,
Docemente embalado pelos ritmos
Das morenas águas do rio Negro. É
Chegado teu fim. Exige-a assim
Este rude imperativo do progresso.
Mas, em mim, como te vi, hás de ficar;
Dourado pelos raios do sol quente
Ou banhado pelas pratas do luar.

Nota do editor

O presente texto decorre do original localizado nos arquivos da Secretaria de Estado da Cultura, Turismo e Desporto (1999). Julga-se ser primeira edição e serve para homenagear o ilustre religioso, professor, escritor e filósofo.

HINOS

A CRIAÇÃO

Letra: padre Luiz Ruas

Música: maestro Pedro Santos

*Foi o bom Deus quem fez o céu
E quem a terra também nos deu...*

Primeiro fez a lua
das trevas boa irmã
nasceu assim o dia
da tarde e da manhã.

Depois criou a nuvem
que a chuva irá guardar
unindo as águas todas
criou também o mar.

O mar coalhou de peixes
e o céu ficou cheinho
da cor das aves belas
fazendo alegres ninhos.

Criou no sexto dia
o homem e a mulher
dizendo: mais bonito
o mundo eu vou fazer.

E vendo o bom trabalho
trabalho só de amor
na criação lançou
sua benção o Senhor.

Nota do organizador:

Composto quando da instalação do Instituto Christus, hoje Centro Integrado de Educação Christus. Logo foi adotado como hino do colégio.

Neste chão dos Manaus

Hino da festa da restauração da Catedral

Letra: padre Luiz Ruas e

Música: frei Luís Carlos.

Neste chão de Manaus foi erguida,
Por aqueles que vieram primeiro,
Uma humilde capela que foi
O sinal de um amor verdadeiro.

*Nossa Senhora da Conceição
Imaculada, rogai por nós!
Nos vos pedimos somente isto:
Ser construtores da Paz de Cristo!*

Mas a fé do teu povo, Maria,
Do Amazonas a mais linda flor
Quis, depois, ofertar-te outro templo
Que dissesse ser melhor nosso amor.

Nem o fogo voraz, nem o tempo,
Conseguiram vencer teu amor.
Hoje estamos, de novo, Senhora,
Celebrando com fé teu louvor.

Do teu povo que vive em Manaus,
E às margens dos rios caudalosos,
Nas florestas, nos lagos, recebe,
Mãe de Deus, os louvores piedosos.

Seja sempre uma prova de amor
Que teus filhos ofertam-te agora
Este templo de fé restaurado,
Nossa Mãe, do Amazonas Senhora.

Centenário, será para sempre
Da piedade do povo, sinal.
E das graças que sempre nos deste
Nossa Igreja-Mãe, a Catedral.

Que nesta festa do templo sagrado
Nos ensine Maria a lembrar
Que é preciso também nossa vida
Com amor e com fé renovar.

Em 1986, o Amazonas católico encantou-se com a restauração da catedral de Nossa Senhora da Conceição. Para engrandecimento da festa, padre Ruas entregou aos fiéis o hino de louvor intitulado de *Neste chão dos Manaus*. A canção, posteriormente, foi adotada como hino da paróquia.

Hino de São Pedro

patrono da paróquia de Petrópolis

Letra: padre Luiz Ruas

*Homem do povo! Bom pescador!
Pedra da Igreja! Pedro Pastor!
No Santo Padre – teu sucessor,
Nós te louvamos com muito amor.*

Como tantos que vivem entre nós,
Nesses rios, nos lagos... Pescando.
Tu também tua família nutrias
No trabalho da pesca, lutando.

Eras bom pescador... Mas um dia,
O Senhor, ao te ver, te chamou:
"Não de peixes serás pescador;
Como pesca os homens te dou".

Atendeste de Cristo o chamado
Prontamente. E te foste à peleja
Do evangelho, sem medo. Por isso,
De ti, fez fundamento da Igreja.

Pedro – Pedra da Igreja de Cristo –
Representas, na história, o Senhor.
No teu barco viajamos seguros,
Nós, o povo de Deus, Pescador!

